

A DIÁSPORA MATERNA EM *AMADA*, DE TONI MORRISON

Paola Fernanda Gomes¹

RESUMO

Os estudos sobre gênero, raça e classe, principalmente nas perspectivas decoloniais, têm trazido frutíferos debates acerca dos impactos gerados pela colonização, especialmente no que diz respeito à escravidão. Contudo, o foco em pesquisas relacionadas às mulheres negras é relativamente novo e ainda carece de muitas reflexões e provocações para que essa parcela da população consiga maior visibilidade. Nesse sentido a aclamada obra *Amada*, de Toni Morrison, escrita em 1987, contribui enormemente ao trazer, para o centro da narrativa, mulheres negras, mães e filhas que convivem com o fantasma da escravidão. É importante frisar que para entender as neonarrativas da escravidão a pesquisa precisa ser direcionada para vozes que coincidam com as pretendidas análises, para tanto, autoras e autores como bell hooks, Angela Davis, Chimamanda Ngozi Adichie, Barbara Rigney, W. E. B. Du Bois, Frantz Fanon foram a base teórica da pesquisa que tem a finalidade de analisar a questão do significado da maternidade para mulheres advindas da escravidão e como Toni Morrison trabalha a narrativa para dar voz a essas mulheres de maneira individual e como representação de um coletivo. A argumentação também trilhou caminhos para reforçar a importância das vozes negras de se erguerem, especialmente nos meios acadêmicos e na literatura, para que o debate antirracista crie força nos demais âmbitos da sociedade e que de fato haja reparação histórica.

Palavras-chave: mulheres negras, maternidade, escravidão, visibilidade, gênero.

ABSTRACT

Studies on gender, race and class, mainly in decolonial perspectives, have brought fruitful debates about the impacts generated by colonization, especially with regard to slavery. However, the focus on research related to black women is relatively new and still lacks many reflections and provocations for this portion of the population to achieve greater visibility. In this sense, the acclaimed work *Amada* by Toni Morrison, written in 1987, contributes enormously by bringing, to the center of the narrative, black women, mothers and daughters who live with the ghost of slavery. It is important to emphasize that in order to understand the slavery neon narratives, research needs to be directed towards voices that coincide with the intended analyzes, for this purpose, authors and authors such as bell hooks, Angela Davis, Chimamanda Ngozi Adichie, Barbara Rigney, WEB Du Bois, Frantz Fanon were the theoretical basis of the research that aims to analyze the question of the meaning of motherhood for women from slavery and how Toni Morrison works the narrative to give voice to these women individually and as a representation of a collective. The argumentation also paved the way to reinforce the importance of black voices to rise, especially in academic circles and literature, so that the anti-racist debate creates strength in other areas of society and, so that in fact there is historical repair.

Keywords: black women, motherhood, slavery, visibility, gender.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na área Literatura, sociedade e interartes pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco. E-mail: paolafg72@gmail.com

INTRODUÇÃO

As vozes das mulheres negras estão entre as mais silenciadas na história do Ocidente. O protagonismo delas foi e ainda é triplamente ofuscado pelos preconceitos de cor, de gênero e de classe. A perigosa versão unilateral da vida das mulheres negras descrita nos jornais, registros policiais e testemunhos, tem jogado ainda mais para a margem séculos de histórias de lutas que moldam e explicam muitos dos embates enfrentados por essa parcela da população.

A literatura, especialmente as narrativas sobre escravidão e os estudos decoloniais, impulsionaram mudanças de perspectiva em relação aos sujeitos negros e a constituição de suas histórias, nesse sentido a obra *Amada* (2018) da autora Toni Morrison resgata e ressignifica a experiência da escravidão e da pós-escravidão vivida por três gerações de mulheres: Baby Suggs, Sethe e Denver.

O livro faz um convite para questionar primordiais elementos constitutivos do ser mulher e dá voz para a vida e para a morte, componentes indissociáveis nessa narrativa. A maternidade é o foco principal do trabalho, que se pretende questionador da condição do ser mãe na sociedade escravocrata e pós-escravocrata Norte-Americana até os primeiros anos Pós-Guerra Civil.

Para entender as personagens e suas maneiras de reagir às intempéries cotidianas, foi realizada pesquisa bibliográfica, buscando um retorno à determinadas fases da escravidão e recorrendo, majoritariamente, à autoras e autores negros como bell hooks, Angela Davis, Chimamanda Ngozi Adichie, Frantz Fanon e Achille Mbembe, pois, no exercício de se refletir sobre a literatura e a escravidão é primordial que as vozes ouvidas sejam as que ocupam lugar de fala.

AS VOZES DAS MULHERES NEGRAS

Fantasmas eloquentes e uma casa rancorosa. São essas algumas das mais importantes características de elementos da obra *Amada* (2018), escrita por Toni Morrison em 1987. No livro são encontrados ecos da realidade, traço marcante da trajetória da autora que se serve de narrativas reais para dar voz aos negros e negras que estiveram por séculos silenciados e tiveram suas histórias de vida tratadas e transcritas de maneira desumana por pessoas brancas. Esse é o caso de Elisabet Garner, que em uma ação controversamente protetora, matou um

de seus filhos e tentou assassinar os outros para que não fossem levados de volta à plantação. A história desse ato hediondo cometido por Elisabet foi resgatada por Morrison e é em Sethe que reconhecemos a força e dor dessa personagem da História.

As pesquisas do historiador Laurentino Gomes, indicam que “[...] ao longo de mais 350 anos, entre 23 milhões e 24 milhões de seres humanos teriam sido arrancados de suas famílias e comunidades em todo o continente africano e lançados nas engrenagens do tráfico negreiro.” (2019, p.36), ou seja, o sofrimento e a subjugação do povo negro, teve início há séculos e foi contada durante muito tempo pela voz dos brancos, colonizadores, senhores de escravos e é sobre esse tipo de perspectiva que Chimamanda Ngozi Adichie alerta: “histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (2018, p.16).

As heranças da escravidão tornaram penosa a vida dos negros nas Américas, especialmente nos Estados Unidos, onde se passa a história e onde, mesmo após a libertação física dos escravos, pairou uma profunda divisão baseada no preconceito de cor que era, não só legalmente sancionada, como também geograficamente demarcada:

Não só uma, mas várias “instituições peculiares” agiram sucessivamente para definir, confinar e controlar os afro-americanos na história dos Estados Unidos. A primeira foi a escravidão. segunda foi o sistema Jim Crow de discriminação e segregação impostas por lei, do berço à sepultura, que firmou a sociedade predominantemente agrária do Sul desde o fim da Reconstrução até a revolução dos Direitos Civis que lhe pôs termo, um século inteiro depois da abolição. O terceiro aparelho especial dos Estados Unidos para conter os descendentes de escravos nas metrópoles industriais do norte do país foi o gueto, que corresponde à urbanização e proletarização conjuntas dos afroamericanos desde a Grande Migração de 1914-30 até a década de 1960.(WACQUANT, 2020, p.11.)

Essa libertação entende-se física porque há muitas implicações de nível cultural e psicológico que se prolongam pelos anos e causam uma separação que pode não ser exatamente visível, mas substancializa as marcas do cativo. É o que W. E. B. Du Bois (1999) chama de véu, uma divisão que coloca o negro norte-americano em um entrelugar, como explica também Achille Mbembe ao dizer que “nem todos os negros são africanos e nem todos os africanos

são negros, apesar disso, pouco importa onde eles estão” (2013, p. 30). Por essas citações, entende-se que as representações e interpretações de base racista são sempre criadas a partir de preconceitos e mitos que empurram os negros para a margem da sociedade.

E em se tratando de marginalização de corpos e mentes, as mulheres negras têm estado muito mais à margem que qualquer outro grupo minoritário. Sofrem racismo, são discriminadas por seu gênero e por sua classe, para essas mulheres quase nunca é cedido o lugar de protagonistas (nem mesmo das próprias vidas) e quase sempre são silenciadas, por isso, ao reivindicar o poder de voz para contar histórias de pessoas marginalizadas, Toni Morrison abre dois caminhos de liberdade, um no passado e outro no futuro, para sanar um sofrimento sempre presente:

O sofrimento pelo qual muitas pessoas negras passam hoje está ligado a um sofrimento do passado, à “memória histórica”. As tentativas das pessoas negras de entenderem esse sofrimento, acertar as contas com ele, são as condições que possibilitam que uma obra como *Amada*, de Toni Morrison, receba tanta atenção. O ato de olhar para trás não apenas para descrever a escravidão, mas para tentar reconstruir uma história psicossocial do impacto trazido por ela, foi apenas recentemente compreendido plenamente como uma etapa necessária no processo de autorrecuperação coletiva negra. (HOOKS, 2019, p.289)

A obra *Amada* (2018) fala sobre a escravidão, mas acima de tudo é uma história sobre mulheres negras, mulheres que também eram mães e foram vítimas do regime escravocrata norte-americano. A narrativa vai de encontro com muitas questões que dizem respeito tanto ao sofrimento pessoal, quanto ao sofrimento coletivo em que as mulheres negras estão inscritas, entretanto o foco é a subversão do discurso, para tanto, Morrison trabalha com diversas camadas textuais que intercalam passado e presente, deixando claro que nada do que foi vivido pode ser apagado, ao contrário, deve ser revelado.

Essas camadas discursivas são acessadas pela memória de Sethe, que nem sempre se recorda com clareza de todos os acontecimentos que parecem estar encobertos pelo medo da lembrança, como elucida Barbara Hill Rigney em seu trabalho intitulado *Voices of Toni Morrison*.

But Morrison’s own “veils” indicative of the kind of pain the writing of *Beloved* entailed, remain implicit in the text, which itself is a revision, an inversion, and, finally, a subversion of traditional value systems that privilege presence over absence and speech over silence. The central paradox, however, is that the silence of women echoes with reverberation, speaks louder than words [...] (RIGNEY, 1991, p.26)

Os silêncios mencionados por Rigney podem ser interpretados como a presença da memória, estratégia muito bem usada por Toni Morrison ao colocar como personagens centrais mulheres negras que, por muito tempo, precisaram calar as suas vozes e a elas somente restava o silêncio da memória dolorosa.

A narrativa se passa após a Guerra Civil, evento que tirou a vida de muitos negros, afora o período da escravidão, colocando as mulheres negras em locais de solidão e desamparo, no entanto, não são somente esses aspectos explorados em *Amada*, a obra é muito mais sobre a força e a delicadeza de Sethe, a esperança de Baby Suggs e o anúncio de Denver como o prelúdio de uma nova história – com voz – para as mulheres negras.

MULHERES NEGRAS E A DIÁSPORA MATERNA

O termo diáspora², como explicam os professores Ana Carolina Lourenço e Diogo Marçal, teve sua gênese a partir dos estudos judaicos relativos à migração forçada dos Judeus para diferentes lugares do mundo e, posteriormente, foi adotado para estudar a migração forçada dos povos negros de África para as Américas. Nessa perspectiva, de separação forçada do ambiente natal, que o termo diáspora foi adotado no presente trabalho, para representar a condição materna no período da escravidão nos Estados Unidos, como complementa Yasmin Ferreira Chinelato ao comentar que “historicamente, a separação do seio materno começa na retirada dos povos escravizados de sua terra natal (a Mãe África), da desapropriação de sua língua materna e da própria separação física com fins lucrativos entre filhos e mães.” (2020, p.66)

A separação forçada entre mães e filhos e o uso do corpo da mulher negra como força reprodutiva por senhores de escravos é previamente esboçado na obra *Amada* (2018), por meio da rememoração da história da vida de Baby Suggs.

[...] em toda a vida de Baby, como também na de Sethe, homens e mulheres eram deslocados como se fossem peças de xadrez. Todo mundo que Baby Suggs conhecia, sem falar dos que amou, tinha fugido ou sido enforcado, tinha sido alugado, emprestado, comprado, trazido de volta, preso, hipotecado, ganhado, roubado ou tomado. Então, os oito filhos de Baby eram de seis pais. O que ela chamava de maldade da vida era o choque que ela recebia ao saber que ninguém parava de jogar as peças só

² Você sabe o que é diáspora africana?. Produção de Adriano Oliveira e Bruna de Paula. Realização de Ana Carolina Lourenço e Cledisson Júnior. Roteiro: Ana Carolina Lourenço e Diogo Marçal. Música: Liberte Esse Banzo de Luciane Dom. S.I: Vestígios Negros, 2017. (3 min.), color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9SJRTuLnJ_Q. Acesso em: 10 jan. 2020.

porque entre as peças estavam seus filhos. Halle foi o que ela conseguiu conservar mais tempo. Vinte anos. Uma vida inteira. Coisa que lhe foi dada, sem dúvida, como compensação ao ficar sabendo que suas duas filhas, nenhuma das quais tinha ainda dentes permanentes, haviam sido vendidas e mandadas embora e que ela não pudera nem acenar adeus. (MORRISON, 2018, p.32)

Halle, o único filho com quem Baby Suggs pôde conviver, trabalhou durante anos para comprar a liberdade da mãe e tirá-la do trabalho forçado na fazenda Doce lar. As suas filhas, vendidas ainda bebês, nunca mais foram vistas e esse é um aspecto histórico importante para a contextualização da obra, já que, após a proibição do tráfico de pessoas negras, os escravagistas recorreram ao abuso sexual já praticado contra as mulheres negras para fins reprodutivos, afinal toda criança nascida de mãe escrava era uma propriedade do senhor de escravos.

Os agricultores reconheceram o ganho económico que podiam acumular criando as mulheres negras escravas. Os ataques virulentos à importação de escravos também conduziram a um maior ênfase sobre a criação de escravos. Ao contrário da descendência das relações entre homens negros e mulheres brancas, a descendência de qualquer mulher negra escrava sem levar em conta a raça do seu companheiro seria legalmente escrava e assim propriedade do dono a quem a escrava pertencia. Como o valor de mercado das mulheres negras escravas aumentou, um largo número foi roubado ou comprado por negociantes de escravos brancos. (HOOKS, 2019, p.14)

Semelhante exploração aconteceu com a mãe de Sethe, que foi traficada, estuprada por diversas vezes e teve muitas gestações resultantes desses abusos.

Nan com ela no colo, com o braço bom, sacudindo o cotoco do outro no ar. “Vou te contar. Vou te contar, Sethe, menininha”, e contou. Contou a Sethe que sua mãe e Nan tinham vindo juntas pelo mar. Ambas foram usadas muitas vezes pela tripulação. “Ela jogou todos fora, menos você. O da tripulação ela jogou fora na ilha. Os outros de outros brancos, ela também jogou fora. Sem nomes, ela jogou eles. Você ela chamou com o nome do negro. Ele ela abraçou. Os outros ela não abraçou. Nunca. Nunca. Estou te dizendo. Estou te contando, Sethe, menininha (MORRISON, 2018, p 72)

A narrativa não esclarece por qual motivo a mãe de Sethe não está presente e ela é cuidada por Nan, outra escrava, entretanto a História cumpre o papel de elucidar a questão,

visto que, por mais que as mulheres fossem forçadas à reprodução por meio do abuso sexual, elas, de maneira nenhuma, eram poupadas do trabalho no campo ou na cozinha, tanto durante a gravidez, como após o período gestacional. As mulheres negras escravizadas sempre exerceram as mesmas tarefas que os homens negros escravizados, contudo, o regime de submissão imputado pelo patriarcado se fazia (e se faz) mais presente e aterrador na vida dessas mulheres.

Percebe-se que há o intuito de acionar no leitor desconfortos a respeito da condição da mulher escrava, pois a narrativa trilha caminhos por entre os becos da memória de Sethe, passa por lembranças extremamente dolorosas e sem obedecer ao tempo cronológico, causando ainda mais a sensação de estranhamento. Esse recurso desperta o sentimento de que aqueles acontecimentos estão vivos, mas encobertos, e precisam ser resgatados, assim como a história dessas mulheres, pois para além dos registros históricos há episódios que marcaram psicologicamente todo um povo. Por conta dessas ações temporais da narrativa, o leitor conhece a história de Amada somente a partir da segunda parte da obra, apesar de ela sempre estar presente em sua forma espectral.

Sethe, assim como Baby Suggs e Halle, era escrava da fazenda Doce Lar, e em seus primeiros anos na condição de cativa teve como dono o Sr. Garner, considerado por eles um bom homem, já que havia permitido que Baby Suggs fosse comprada pelo filho, contudo, após a morte do senhor, a fazenda ficou sob os cuidados de um parente próximo da família, chamado por todos de Professor, pois ensinava aos seus pupilos – capatazes da fazenda – a tratar os escravos como animais que deveriam ser estudados. Então, a já tão dura vida na fazenda passou a ser insuportável.

Na fuga, os primeiros a serem mandados ao encontro de Baby Suggs foram os três filhos mais velhos Buglar, Howard e a pequena bebê ainda sem nome. Em seguida deveriam ir Sethe e Halle, mas os homens que eram responsáveis pela fazenda interromperam o plano e então Sethe foi violentada, beberam o leite de seu peito e a chicotearam antes de ela conseguir escapar da fazenda. Esse trauma, além dos anos de cativeiro, transformou a vida dela e de seus filhos.

A bebê sem nome, estava engatinhando quando Sethe conseguiu chegar à casa 124, ela havia dado a luz e nascera Denver, parecia, enfim, que as coisas melhorariam, apesar de Halle ter ficado para trás, no entanto os homens do Professor acharam-na e em uma tentativa desesperada de livrar os filhos de serem levados junto com ela para a escravidão, matou a bebê sem nome e tentou matar Buglar e Howard. Essa atitude levou Sethe para a prisão e desencadeou os acontecimentos que foram fruto da repressão, do luto e da tristeza daquela família.

As questões do tempo e da memória são as peças principais para entender o que aconteceu com Sethe. O trauma é guardado junto com as lembranças encobertas pelo véu da memória e, por mais que não seja de pronto apresentado, reconhecemos a sua presença, assim como a personagem.

É tão difícil para mim acreditar no tempo. Algumas coisas vão embora. Passam. Algumas coisas ficam. Eu pensava que era minha memória. Sabe. Algumas coisas você esquece. Outras coisas, não esquece nunca. Mas não é. Lugares, os lugares ainda estão lá. Se uma casa pega fogo, desaparece, mas o lugar — a imagem dela — fica, e não só na minha memória, mas lá fora, no mundo. O que eu lembro é um quadro flutuando fora da minha cabeça. Quer dizer, mesmo que eu não pense, mesmo que eu morra, a imagem do que eu fiz, ou do que eu sabia, ou vi, ainda fica lá. Bem no lugar onde a coisa aconteceu.”

“Outras pessoas conseguem ver?”, Denver perguntou.

“Ah, conseguem. Ah, conseguem sim, sim, sim. Algum dia, você vai estar andando pela rua e vai ouvir alguma coisa ou ver alguma coisa acontecendo. Tão claro. E vai pensar que está imaginando. Uma imagem de pensamento. Mas não. É quando você topa com uma memória que é de alguma outra pessoa. Lá onde eu estava antes de vir para cá, aquele lugar é de verdade. Não vai sumir nunca. Mesmo que a fazenda inteira — cada árvore, cada haste de grama dela morra. A imagem ainda está lá, e mais, se você for lá — você que nunca esteve lá —, se você for lá e ficar no lugar onde era, vai acontecer tudo de novo; vai estar ali para você, esperando você. (MORRISON, 2018, p.45)

Essa certeza de que o passado está sempre presente foi abalada com a chegada de Paul D., ex-escravo da fazenda Doce Lar, que havia lutado na Guerra Civil e veio ao encontro de Sethe após passar alguns anos na prisão. A casa 124 nunca recepcionou bem os homens, no entanto Paul fez com que a bebê fantasma se afastasse da família e, por um breve tempo, viveu feliz com Sethe e Denver, até Amada chegar.

Uma mulher completamente vestida saiu de dentro da água. Mal chegou à margem seca do riacho, sentou-se e encostou numa amoreira. O dia inteiro e a noite inteira ficou ali sentada, a cabeça encostada no tronco numa posição tão abandonada que amassava a aba de seu chapéu de palha. Tudo lhe doía, mas os pulmões mais do que tudo. Encharcada e com a respiração curta, ela passou aquelas horas tentando controlar o peso das pálpebras [...]. Levou a manhã seguinte inteira para se levantar do chão e seguir pelo bosque, passando diante de um gigantesco templo de buxinho em direção ao

campo e depois ao quintal da casa cor de ardósia. Exausta de novo, sentou-se no primeiro lugar à mão — um toco não longe da escada do 124. (MORRISON, 2018, p.60)

Naquele dia a família do 124 havia ido ao circo, na volta Sethe viu uma sombra tripla de mãos dadas e pensou por um instante serem ela, Paul D. e Denver, mas não, Amada havia voltado e o corpo e a alma de Sethe, mesmo indiretamente, sabia disso.

E, por alguma razão que ela não conseguiu entender de imediato, no momento em que chegou perto a ponto de ver o rosto, a bexiga de Sethe se encheu ao máximo. Ela disse: “Ah, desculpe”, e correu para os fundos do 124. Nunca, desde que era uma menininha, cuidada pela menina de oito anos que lhe apontou sua mãe, tinha tido uma emergência tão incontrolável. Não chegou à casinha. Bem na frente da porta, teve de levantar as saias e a água que esvaziou era infundável. Como um cavalo, pensou, mas continuava, continuava, e ela pensou: não, mais como a inundação do barco quando Denver nasceu. (MORRISON, 2018, p.62)

Ao olhar para o rosto da mulher desconhecida, Sethe sentiu um líquido jorrar de dentro de si, ela ainda não entendia, mas seria como se tivesse dado a luz novamente. Amada era o nome daquela mulher, o mesmo nome que havia sido talhado na lápide de sua filha vinte anos antes, em troca de dez minutos de sexo. Denver a reconheceu. Vinte anos antes ela havia bebido o leite de sua mãe misturado ao sangue de Amada, por muito tempo a fantasma bebê sem nome tinha sido sua única companhia e agora ela estava ali, era sua irmã Amada.

As primeiras semanas na companhia de Amada foram de muita alegria, mesmo após a partida de Paul D., que não concordava com a maneira amorosa que tratavam uma mulher que para ele era uma completa desconhecida. Viram Amada se recuperar, engordar e se alegrar e Sethe reconhecendo-a como filha lhe entregou todo o seu tempo e a sua vida em uma mortal dedicação diária. Saiu do emprego e passava os dias na companhia da estranha filha que voltara, seus gestos não eram por arrependimento, eram somente pela dor da falta de opção que atormentou durante todos os anos após a morte de Amada.

Amada, ela minha filha. Ela minha. Veja. Ela veio para mim por sua livre vontade e não tenho de explicar coisa nenhuma. Não tive tempo de explicar antes porque tinha de fazer depressa. Depressa. Ela precisava estar segura e eu coloquei ela onde tinha de estar. Mas meu amor era forte e ela está de volta agora. Eu sabia que ela voltava. Paul D expulsou

ela de forma que ela não teve escolha a não ser voltar para mim em carne e osso. Aposto que você, Baby Suggs, do outro lado, ajudou. Não vou nunca deixar ela ir embora. Vou explicar para ela, mesmo que não precise. Por que eu fiz aquilo. Como, se eu não tivesse matado, ela teria morrido e isso é uma coisa que eu não ia aguentar que acontecesse com ela. Quando eu explicar ela vai entender, porque ela já entende tudo. Vou cuidar dela como nenhuma mãe nunca cuidou de uma filha, uma menina. Ninguém nunca mais vai receber o meu leite a não ser meus próprios filhos. (MORRISON, 2018, p. 213)

Percebe-se que Sethe tinha realmente vivo em sua memória os acontecimentos do dia de sua fuga. O abuso, o roubo do leite e depois o assassinato de Amada. Nenhum desses acontecimentos, até mesmo a morte que ela mesma causou, foram suas escolhas, pois mulheres negras, especialmente mulheres na condição de ex-escravizadas, como Sethe, sempre viveram na opressão, não só do trabalho forçado, como do estupro e demais abusos que somente eram cometidos para com elas, a exemplo disso a reprodução desenfreada e o comércio de bebês nascidos de mães escravas.

Essas marcas deixadas pelo trauma se estendem a níveis extremos, tanto Denver quanto a vizinhança perceberam que havia algo de errado na devoção de Sethe por aquela mulher desconhecida. Apesar de a menina amar imensamente a irmã morta, apesar do pacto de leite e sangue que havia entre elas, Denver sabia que Amada voltara para buscar a vida que a mãe delas havia retirado.

Então, Denver achava que as coisas tinham chegado ao fim: Amada curvada sobre Sethe parecia a mãe, Sethe a criança que trocava de dentes, pois, fora os momentos em que Amada precisava dela, Sethe se confinava em uma cadeira no canto. Quanto mais Amada engordava, menor Sethe ficava; quanto mais brilhantes os olhos de Amada, mais aqueles olhos que costumavam nunca se desviar iam se transformando em fendas insones. Sethe não penteava mais o cabelo, nem lavava o rosto com água. Ficava sentada na cadeira lambendo os lábios como uma criança castigada, enquanto Amada devorava sua vida, tomava, inchava com aquilo, ficava mais alta com aquilo. E a mulher mais velha cedia sem um murmúrio. (MORRISON, 2018, p. 263-264)

Havia chegado o momento em que Denver deveria tomar uma atitude. Ela trabalhava na casa de pessoas brancas para sustentá-las e sabia que enquanto estivesse fora poderia perder sua mãe para a ânsia de vida que Amada tinha, então ela recorreu às mulheres negras da vizinhança

de Cincinnati que, apesar de nutrirem especial repulsa pelos atos de Sethe, não deixariam que ela fosse castigada pelo passado.

Foi Ella, mais que qualquer outra pessoa, quem convenceu os outros de que estava na hora de um resgate. Era uma mulher prática, que achava que em todo sofrimento havia uma raiz a se aceitar ou evitar. [...] Passara a puberdade numa casa em que era repartida entre pai e filho, que ela chamava de “os mais baixos”. Esses “mais baixos” é que lhe deram uma repulsa pelo sexo e era por eles que ela media todas as atrocidades. Um assassinato, um sequestro, um estupro — tudo o que ela ouvia e a que balançava a cabeça. Nada se comparava aos “mais baixos.” Ela entendia a fúria de Sethe no barracão vinte anos antes, mas não sua reação depois, que considerava orgulhosa, desorientada, e a própria Sethe complicada demais. [...] Quando Ella ouviu dizer que o 124 estava tomado por alguma coisa que batia em Sethe, isso a enfureceu e lhe deu mais uma oportunidade para comparar com “os mais baixos” aquilo que podia muito bem ser o próprio diabo. Havia também algo de muito pessoal na fúria dela. Independentemente do que Sethe fizera, Ella não gostava da ideia de erros passados tomarem posse do presente. (Morrison, 2018, p. 270-271)

Ajoelhadas todas em frente a casa 124, as mulheres que compartilhavam histórias de abuso, morte e separação, não permitiriam que Sethe fosse mais uma vez vítima de sua falta de escolha e em uma prece em que todas pareciam ter a mesma voz, Amada foi mandada embora, dessa vez de verdade, por pessoas que sabiam a dor de serem separadas dos filhos, das mães, da liberdade, por mulheres que tinham o direito de proteger umas as outras.

Denver cuidava de Sethe, que nunca mais foi a mesma. A terceira partida da filha havia deixado marcas ainda mais duras, porém, àquela altura, não sabiam mais se Amada realmente havia voltado. Há de se pensar que o luto e a não aceitação da perda podem se manifestar de diferentes maneiras e é nessa obra metaficcional que encontramos a mistura entre o real e o irreal, entre o trauma e a tentativa de superação. Morrison construiu uma narrativa rica em signos que evocam constantemente a força da figura materna dentro do sistema opressivo da escravidão.

Morrison scatters her signs, her political insights, and it is only through an analysis of her language that we can reconstruct an idea of the political and artistic revolution constituted in her work. “Confrontational,” “unpoliced,” hers is the language of black and feminine discourse—semiotic, maternal, informed as much by silence as by dialogue, as much

by absence as by presence. Morrison seems to conjure her language, to invent a form of discourse that is always at once both metaphysical and metafictional. (RIGNEY, 1991, p.7)

Alguns desses signos que, segundo Rigney, constroem o discurso maternal em *Amada* (2018), podem ser localizados em três elementos aqui considerados principais e também ligados estreitamente ao passado de escravidão e abusos de Sethe. O primeiro é o leite materno, o qual lhe foi roubado pelos capatazes da fazenda em uma situação de extrema violência e deixou marcas psicológicas severas em Sethe.

O segundo é a casa 124, um espaço essencialmente feminino em que homens nem sempre eram bem-vindos. Entende-se a casa como uma representação do útero, espaço que foi invadido por homens durante séculos. A esse respeito Rigney menciona que, para Denver, o espaço de mata atrás da casa, onde ela sentia-se protegida se assemelhava ao útero, pois ali ela sentia-se protegida. E para Amada retornar à casa era como retornar ao útero de Sethe e retomar o direito de pertencer à mãe e à irmã.

For the child, Denver, in *Beloved*, the womb space is at first sweet and full of secrets. Just outside of her mother's house, a ring of trees forms a narrow room, a cave of "emerald light": "In that bower, closed off from the hurt of the hurt world, Denver's imagination produced its own hunger and its own food, which she badly needed because loneliness wore her out. (RIGNEY, 1991, p.16)

No útero, Denver não estava sozinha, não sentia medo nem passava necessidades, não sentia o isolamento causado pelas feridas da escravidão e os traumas de sua mãe, portanto aquele espaço de isolamento do mundo se assemelhava ao útero de Sethe no sentido de proteção e aconchego. Diferentemente do que acontece na relação entre Amada e Sethe pois "Sethe's other daughter's desire to reenter the womb almost kills the mother." (1991, p.16). A vontade que Amada – e também Sethe – sentiam em recuperar o que lhes foi tirado quase matou a mãe, pois as dores do passado a corroeram e a deixaram definhando como se tudo o que ela foi um dia e passou era uma dívida a ser paga por não ter conseguido morrer junto com Amada.

O último aspecto a ser considerado são as menções à árvore talhada nas costas de Sethe. Após o seu leite ter sido bebido à força pelo capataz da fazenda, ela foi chicoteada diversas vezes e adquiriu cicatrizes que nem sabia que tinha, até a menina branca que a ajudou no parto de Denver comentar que parecia ter nascido uma árvore nas costas de Sethe. Sobre essa perspectiva

de análise, Rigney comenta: “Sethe and many of the other women in Morrison’s novels are, like the Great Mother, metaphorically linked with images of trees and are thus representatives of the powers of nature.” (1991, p.69)

Os pontos mencionados ligam-se diretamente, tanto à questão da maternidade, quanto à questão da escravidão e violência sofrida por mães negras, pois nessa obra a ambiguidade acompanha cada movimentação da personagem Sethe, ao mesmo tempo que há presença do amor há também a presença da dor.

As provocações feitas por Morrison estão também presentes em outras obras de sua autoria, pois são, de certa maneira, romances históricos que representam, a partir de seus personagens, histórias de todo um povo, especialmente de mulheres negras, mães e filhas que ganham voz por meio das narrativas que recuperam e ressignificam o ser mulher e o ser mãe.

All of Morrison’s novels are, in a real sense, “historical novels,” quasi documentaries that bear historical witness. Her characters are both subjects of and subject to history, events in “real” time, that succession of antagonistic movements that includes slavery, reconstruction, depression, and war. Yet she is also concerned with the interaction of history with art, theory, and even fantasy, for, in her terms, history itself may be no more than a brutal fantasy, a nightmare half-remembered, in which fact and symbol become indistinguishable. (RIGNEY, 1991, p. 61)

Entende-se, portanto, que ser mãe para as mulheres negras, especialmente nos séculos da escravidão, significava dor e perda e, para além do sentimento de amor que se espera, o instinto de proteção sempre se fez mais forte. Nos períodos pós escravidão a questão materna demorou para engrenar mudanças, já que, como menciona Frantz Fanon “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco.” (2008, p. 33), ou seja, a mulher negra ainda era subjugada por homens negros e mulheres e homens brancos, seus filhos ainda eram – e são – retirados do seio materno pela violência e exploração, mesmo que de maneiras diferentes às dos anos passados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou elucidar a questão da maternidade e da capacidade de se redescobrir a história das mulheres negras por meio da literatura, especialmente a de autoria

negra e feminina, visto que um dos mais importantes conceitos estudados por intelectuais negras como Djamila Ribeiro (2017), fala justamente da necessidade de se reconhecer e respeitar os lugares de fala, pois de todas as minorias, as mulheres negras sempre foram as mais silenciadas e subjugadas pela sociedade racista e classista.

Como grupo, as mulheres negras estão numa posição peculiar na sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional, mas também porque o nosso status social é inferior ao de qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe. Ao mesmo tempo, somos um grupo que não foi instituído socialmente para assumir o papel de explorador/opressor, na medida em que não nos foi concedido nenhum “outro” institucionalizado que pudéssemos explorar ou oprimir (crianças não representam “um outro” institucionalizado, ainda que possam ser oprimidas pelos pais e mães). Mulheres brancas e homens negros dispõem dos dois caminhos. Podem agir como opressores e podem ser oprimidos. (HOOKS, 2019 posição 528)

A pesquisadora bell hooks, comenta ainda que somente uma mudança na estrutura de classes poderia alavancar as conquistas de espaços das mulheres negras – dos negros em geral – nos Estados Unidos, e por mais tardia que seja, ainda é muito importante que a reconstrução das narrativas da escravidão aconteçam no sentido de restaurar os direitos humanos negados aos negros como declaram Nakanishi e Nigro em seus estudos sobre neonarrativas da escravidão: “As narrativas de escravos e as neonarrativas de escravos constituem-se na oportunidade de retomar assuntos importantes. O gênero evolui e adapta-se para que a sociedade pense e repense continuamente sobre essa humanidade destituída no racismo.” (2019, p77).

Os Estados Unidos foram particularmente radicais na imposição do fim da escravidão, que acarretou em uma Guerra Civil, mas mesmo com a abolição os anos que se seguiram foram marcados por instituições segregacionistas, como menciona Angela Davis, expoente da luta antirracista.

Foi necessária uma longa e sangrenta guerra civil para extinguir legalmente a “instituição peculiar”. Embora a Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos tenha tornado a servidão involuntária ilegal, a supremacia branca continuou a ser adotada por um imenso número de pessoas, tornando-se profundamente enraizada nas novas instituições. Uma dessas instituições pós-escravidão era o linchamento,

amplamente aceito durante muitas décadas após a abolição.[...] A segregação dominou o Sul dos Estados Unidos até ser banida, um século depois da abolição da escravidão. Muitas pessoas que viveram sob as leis de Jim Crow não conseguiam imaginar um sistema legal definido pela igualdade racial. (DAVIS, 2018, p.19)

Entende-se, portanto, que os avanços surgidos após tantos anos de segregação foram imensamente importantes para a reescrita da história do povo negro e a condição para que os estudos decoloniais continuem acontecendo de maneira satisfatória e frequente é remodelar o sistema de classes, estreitando cada vez mais a diferença secularmente estabelecida entre brancos e negros. Nesse sentido, os focos das pesquisas e produções acadêmicas nas histórias de vida do povo negro e em como podem ser subvertidas as narrativas racistas é de suma importância para entender as repercussões sociais da escravidão e segregação.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Schwarcz S.A., 2018.
- CHINELATO, Yasmin Ferreira. Mães à margem: a construção da maternidade no contexto de escravidão nos romances amada e compaixão de Toni Morrison. *Primeira Escrita*, Mato Grosso do Sul, v. 7, n. 2, p. 63-70, 2020.
- DAVIS, Angela. Escravidão, direitos civis e perspectivas abolicionistas em relação à prisão. In: DAVIS, Angela. *Estarão as prisões obsoletas?* Rio de Janeiro: Difel, 2018. p. 18-47.
- DUBOIS, W. E. B.. Sobre nossos embates espirituais. In: DUBOIS, W. E. B.. *As almas do povo negro*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999. p. 37-45.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008. Tradução de Renato da Silveira.
- GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. Rio de Janeiro: Globo livros, 2019.
- HOOKS, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019. Tradução de Jamille Pinheiro.
- _____. *E eu não sou uma mulher?* 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. Tradução livre Plataforma Gueto.
- _____. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019. Tradução de Rainer Patriota.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2013.
- MORRISON, Toni. *Amada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Tradução de José Rubens Siqueira.
- NAKANISHI, Débora Spacini; NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva. A escravidão presente na literatura afro-americana: três séculos observados. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 63-78, 28 jun. 2019. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.29.2.63-78>.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RIGNEY, Barbara Hill. *The voices of Toni Morrison*. Columbus: Ohio State University Press, 1991.
- WACQUANT, Loic. *Da escravidão ao encarceramento em massa: repensando a questão racial nos estados unidos. repensando a questão racial nos Estados Unidos*. Disponível em: <https://deusgarcia.files.wordpress.com/2017/05/wacquand-da-escravidao-ao-encarceramento-em-massa-nlr-13-january-february-2002.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.